

O mundo atlântico português: dinâmicas coloniais, econômicas, políticas e sociais

Thiago Sampaio

Thiago Sampaio

é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da nome da universidade por extenso (UNESP/Assis).

Email: thiago.sampaio92@gmail.com

RUSSELL-WOOD, A. J. R. Histórias do Atlântico Português. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 404 p.

Quando se pensa no Oceano Atlântico lembra-se dos continentes banhado por este (europeu, africano e americano) e suas distâncias, mas se esquece que ele interligou culturas e sociedades distintas mais do que as separou. É a partir destas indagações que foi produzida a obra *Histórias do Atlântico Português*, uma coletânea de artigos produzidos ao longo da vida pelo brasilianista Anthony John Russell-Wood, organizado por Denise Moura (UNESP/Franca) e Ângela Domingues (Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa).

Em março de 2010, John Russel-Wood propôs à Editora UNESP um projeto de edição de uma trilogia com textos que ele havia desenvolvido ao longo de sua trajetória como historiador. Os títulos sugeridos pelo brasilianista para essa coleção foram “O Atlântico luso-brasileiro”, “Identidade, etnicidade e gênero no Brasil Colonial” e “Ensaio sobre a historiografia e sobre dois ilustres contribuintes”. Apesar do enfoque ser prioritariamente o Brasil em suas publicações, o historiador buscou desenvolver neste projeto a proposta de um Império Português transcontinental e demonstrar que o Atlântico exerceu grande influência no desenvolvimento econômico, político, social e cultural nas regiões interligadas por ele.

A proposta original dessas edições sofreu algumas alterações, como o título deste livro, dada a morte de John Russel-Wood. A obra apresenta nove artigos escritos em diferentes momentos de sua trajetória intelectual, alguns já conhecidos e traduzidos para o português. O fio condutor da coletânea é compreender “um império transcontinental, originado dos movimentos de fluxo e refluxo humanos, de ideias e espécies nos mundos do Atlântico e além (português)” (p. 24), como assinalou as organizadoras Denise Moura e Ângela Domingues na Introdução da coletânea.

No primeiro texto *Antes de Colombo: o prelúdio africano de Portugal à passagem Atlântica e sua contribuição a discussão sobre raça e escravidão*, o autor tratou do início das Grandes Navegações e, como no século XV, se iniciou na África a prática de estabelecer entrepostos comerciais e fortalezas.

Russell-Wood compreendia que a exploração portuguesa ao redor do globo foi estimulada por uma mentalidade que estava presente ficção e obsessão por povos e terras até então desconhecidos dos europeus. A partir de 1492, diversos fatores se tornaram marcos importante para a constituição de um império transcontinental em seus enclaves na África e em regiões do Atlântico.

Antes do início do tráfico de escravos, a escravidão já havia se consolidado como instituição em regiões da África antes da chegada dos europeus. Desta forma, o comércio escravagista foi legitimado com base no discurso que os negros seriam inseridos no cristianismo.

Nos séculos XVIII e XIX, os ideais de escravidão e raça no Brasil ainda possuíam rastros dos discursos e atitudes presentes na Europa antes das Grandes Navegações.

No texto seguinte, *Literatura portuguesa visão geral*, Russell-Wood analisou como o componente marítimo estava presente nas manifestações literárias do século XV ao XX em Portugal.

165

Nos séculos XV ao XVII, a literatura de ultramar concentrava-se na exploração e no desenvolvimento de um império marítimo. Rica em vitalidade, esses escritos tiveram um forte componente evangelizador, pois diversos de seus escritores eram viajantes jesuítas, que escreviam cartas e relatos de viagens que seriam lidos e percorridos seus imaginários por toda a Europa.

Em Setecentos, a literatura portuguesa não é essencialmente voltada a componentes do ultramar, mas descrevia as riquezas, a diversidade e a beleza de seus territórios coloniais na América.

Nos Oitocentos, era marcada pela evocação do mar como símbolo dos sentimentos humanos e aconteciam diversas associações com seu papel na sociedade lusitana. A prosa do século XIX era rica em narrativas de viagens, mas poucas tinham componente do ultramar. A emigração ganhava destaque nessas estórias.

Já no século XX, a poesia combinava temas nacionalistas com a nostalgia da grandeza do império marítimo, encontrando inspiração na vocação colonizadora de Portugal. Este movimento saudosista pelo ultramar era marcado pelas associações de glórias e tragédias em seu passado.

No terceiro capítulo, *O Atlântico Português (1415-1808)*, o autor buscou desenvolver uma história do Atlântico, mostrando o oceano como um ator nos processos históricos que aconteceram na América, na África e na Europa. Assim como Braudel realizou na obra *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*, Russell-Wood demonstrou como o oceano foi um componente importante nas trocas culturais, econômicas, sociais e políticas que aconteceram do século XV ao XIX.

Russell-Wood verificou o que aconteceu nos territórios colonizados por Portugal na África e no Brasil. Sua análise é dividida em cinco partes: I. compreender as atividades nas ilhas e na África durante os séculos XV e XVI; II. entender as dinâmicas territoriais no Brasil e Angola entre XVII e XVIII; III. mostrar como o Atlântico facilitou as interações sociais, econômicas e culturais em seus diversos componentes territoriais; IV. abordar os territórios essencialmente português e V. discutir historiograficamente a centralidade do Atlântico nas políticas coloniais portuguesas e seus territórios ultramarinos. Ao longo dessa discussão, o historiador examinou o conceito de História Atlântica e como o exemplo de Portugal é importante para o estudo comparativo de outras regiões deste oceano.

No escrito posterior, *Portos do Brasil Colonial*, é discutido o papel dos portos como rotas de entrada na América Portuguesa, buscou-se compreender suas relações com outras regiões banhadas pelo Atlântico, como a África e a América Espanhola.

O autor examinou que os portos brasileiros (Rio de Janeiro, Salvador, São Luís, Santos, Belém e Fortaleza) possuíam papéis múltiplos dentro da política colonial empregada na região. Além do comércio, eles desenvolviam importantes tarefas na área de defesa, administração e desenvolvimento de suas localidades.

Russell-Wood discutiu como os marujos eram vistos pelas populações dessas cidades portuárias ao longo dos Setecentos. Esses trabalhadores eram considerados por possuir uma conduta imoral para os moradores das localidades, pois desenvolviam a prática de prostituição, embriaguez, roubos e brigas de rua nos meses em que suas frotas permaneciam nos portos.

No capítulo seguinte, *Uma presença asiática no negócio de transporte de metais preciosos (1710-1750)*, Russell-Wood abordou a transferência da importância do leste para o oeste dentro do Império Ultramarino no século XVIII. Em suas análises ele percebeu que o Brasil começou a aparecer nas rotas de navios que faziam o trajeto Índia/Macau para Lisboa.

166

Em *As dinâmicas da presença brasileira no Índico e no Oriente (século XVI-XIX)*, podemos compreender uma continuação das discussões do texto anterior, onde o autor trouxe suas análises sobre as historiografias dos impérios ultramarinos europeus, a presença brasileira nos comércios no Índico e no Oriente e as especificidades do império português comparado com os demais de seu tempo.

O autor notou que uma das particularidades dos impérios ultramarinos é a sua fragmentação, mas no caso de Portugal aconteceu uma segunda característica que é a forte presença metropolitana nas questões administrativas. Esse acompanhamento da Metrópole no desenvolvimento de seus territórios acaba traçando uma particularidade nas análises sobre História dos costumes, das ideias, dos valores e crenças presentes nas localidades.

A importância do Brasil nesse cenário foi seu papel desempenhado nas carreiras da Índia, pois os portos brasileiros tornaram-se intermediários ao longo dos séculos pelos trajetos Índia/Macau para Lisboa e essas escalas para seus portos aconteceram em viagens de volta para a Europa. Não podemos esquecer o papel que Moçambique teve nesse processo, foi um ponto de convergência e encontro entre essas duas partes do império ultramarino (ocidente e oriente), sobretudo nas relações comerciais e culturais.

No texto posterior, *Através de um prisma africano: uma nova abordagem ao estudo da diáspora africana no Brasil colonial*, Russell-Wood discutiu o papel da escravidão no continente africano e sua adequação nos espaços territoriais brasileiros, revisitando a historiografia sobre o tema.

Os iorubas e os jejes eram as etnias de grande parte dos negros trazidos para serem escravizados no Brasil, oriundo das regiões Ocidental, Oriental e Centro-Ocidental do continente africano. A escravidão, como bem mostrado anteriormente pelo autor, prevaleceu de diferentes formas nessas culturas, podendo ser derivadas das situações de guerra, mas nenhuma de suas características em África era comum ao sistema escravagista que foi empregado no continente americano, bem como o comércio derivado de seu tráfico.

Em sua discussão sobre a historiografia da escravidão no Brasil, o autor chama a atenção pelas novas interpretações ocorridas nos últimos anos, tanto a nível nacional quanto internacional. Essas abordagens têm em comum demonstrar que a escravidão não era algo homogêneo e estático no período Colonial, mas existiam fissuras entre sua prática nas diversas localidades do país.

No título *Fronteiras do Brasil Colonial*, o escritor trabalhou o conceito de fronteiras, entendendo como uma localidade onde aconteceu interação entre culturas distintas. Russell-Wood ressaltou que os encontros culturais estavam presentes na língua, nos costumes, crenças, religiões e práticas sociais estabelecidas no território brasileiro.

O sertão, localidade não habitada pelos portugueses, era visto como uma área desconhecida pelo homem civilizado e considerado um local de violência e contato com o selvagem. Na medida em que a “civilização” avançou para este território, acontecia o genocídio da população indígena.

A religião e a religiosidade eram ao mesmo tempo fronteira e ponto de intersecção entre as culturas das diferentes populações no território brasileiro (africanas, indígenas e europeias). A própria religião oficial, o catolicismo, tinha seus dogmas divididos na população entre o erudito (a pública e praticada em igrejas) e o popular (a particular e com contatos sincréticos de outras matrizes religiosas).

167

As tecnologias empregadas para o desenvolvimento no Brasil colonial é outra fronteira cultural. Os africanos não tinham conhecimento do processamento e produção da cana-de-açúcar e extração mineral, práticas que foram trazidas para os europeus e adaptadas para serem aplicadas no território.

Os diversos movimentos populacionais que aconteceram tiveram implicações nas análises culturais no território nacional. Segundo Russell-Wood, nesta perspectiva, devemos entender que os europeus e os africanos eram intrusos aqui na América, suas civilizações modificaram os hábitos de outros povos aqui encontrados. Ainda, segundo o autor, a cada chegada de africanos acontecia uma revitalização de suas culturas e eles eram os possuidores da maior diversidade cultural presente em nosso território.

No texto final, *O governo local na América portuguesa: um estudo de divergência cultural*, Russell-Wood assinalou que as estruturas administrativas locais eram cópias das presentes na metrópole, mas a indagação que percorre ao longo do capítulo é até que ponto elas refletiam sua matriz portuguesa?

O autor utilizou como seu objeto de estudo Vila Rica (MG), atual Ouro Preto, na qual ele exaltou pela sua grande quantidade de fontes existentes para a história administrativa da localidade.

Em suas discussões, foi apresentado o papel desempenhado pelas Câmaras Municipais e Senado da Câmara, na qual exerciam funções administrativas distintas de suas antecedentes europeias: a primeira era instrumento de política da Coroa, de pacificação, estabilidade e continuidade governamental; já a segunda tinha o papel de representante dos interesses locais e proteção dos bens públicos. Russell-Wood assinalou que as adaptações dessas instituições ao território brasileiro foram decorrentes das demandas próprias da localidade, reivindicações estas que não aconteciam em território metropolitano.

O livro não apresentou um texto de conclusão, mas ao final da obra é mostrada uma riquíssima lista bibliográfica e fontes utilizadas pelo escritor em seus textos. Desta forma, o leitor pode se aprofundar em suas leituras sobre a História Atlântica e colonial do Brasil baseando-se nas utilizadas pelo autor.

Com uma leitura agradável e com temas atuais para a historiografia nacional, a obra *Histórias do Atlântico Português* é um convite para aqueles que não conhecem outras obras de John Russell-Wood, um dos mais importantes historiadores de língua inglesa que buscou compreender as dinâmicas e complexidades do Império Ultramarino Português.

(Recebida em julho de 2016)

(Aprovada em outubro de 2016)

Cite esta resenha

168

RUSSELL-WOOD, A. J. R. Histórias do Atlântico Português. São Paulo: Editora UNESP, 2014. Resenha de: SAMPAIO, Thiago. O mundo atlântico português: dinâmicas coloniais, econômicas, políticas e sociais. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e)anos (UFF). Rio de Janeiro, nº 8, pp. 163 – 168, Janeiro 2017. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>